

AS MÃOS PENSAM: ARTESANATO E IMAGINÁRIO NA SERRA DE PARINTINS

Naia Maria Guerreiro Dias¹
Iraíldes Caldas Torres²

Resumo: Este artigo apresenta um recorte histórico da Serra de Parintins, região de Valéria. Situando as Comunidades Tradicionais que estão assentadas nesse complexo territorial, bem como os dois sítios arqueológicos pertencentes a essa localidade. Discorre ainda sobre as narrativas dos moradores locais buscando entender como se constrói seu imaginário e de que forma o expressam em suas produções artesanais. Os dados foram analisados a partir das concepções teóricas metodológicas de autores como Maffesoli (2001), Bachelard (1991), Torres (2012), Benjamin(1994), Silva (2003) Canclini (1983) e outros, que possibilitaram uma breve reflexão acerca dos processos socioculturais dessa localidade amazônica.

Palavras-chave: Artesanato; Imaginário; Arqueologia; Cultura; Artesãos da Amazônia.

Serra de Parintins, região de Valéria/AM: localização e processos socioculturais

Serra de Parintins é uma localidade amazônica situada na divisa do Estado do Amazonas com o Pará. Também é conhecida como região Valéria. Integram o complexo territorial as comunidades de São Paulo, Santa Rita de Cássia, Betel, Bete Semes e Samaria. Considerando como ponto de partida a “Boca³” da Valéria/AM, seguindo em direção a cidade de Parintins/AM, a duração da viagem realizada a barco de recreio movido a diesel, totaliza 3h30min e de lancha/voadeira 1h40min.

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas-FAPEAM

² Pós Doutora em Antropologia Social pela Université Lumière Lyon2- França/ Professora da Universidade Federal do Amazonas – UFAM/ Coordenadora do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM.

³ Boca- Nas comunidades tradicionais, há o costume de identificar pequenos braços de rio como “Boca”, porque estes dão acesso a lugares maiores, como lagos ou rios (ALMEIDA, 2007)



Figura 1. Mapa da Serra de Parintins, região de Valéria organizado por Thiago Godinho – Gráfica e Editora João XXIII, a partir de imagens do *google maps* e pesquisa de campo de Naia Dias, janeiro de 2016.

Os moradores locais utilizam como meio de transporte para se dirigir até o município de Parintins, além dos barcos de recreio, os rabetas, garités, voadeiras, etc. E alguns, dirigem-se pela estrada do assentamento que liga a região de Valéria à Vila Amazônia através de moto, ônibus ou bicicleta. E de lá adentram na lancha que realiza trajetos cotidianos da Vila Amazônia até Parintins. Tal rotina ocorre durante o ano todo.

A região é fortemente marcada pela presença de locais de vestígios arqueológicos, onde parte dos artefatos estão expostos a céu aberto e parte encontra-se sob o solo. Em razão do paisagismo natural e cultural, a localidade tornou-se um dos atrativos turísticos do Baixo Amazonas seja para roteiros nacionais ou internacionais desde a década de 1970, de acordo com relatos de moradores mais antigos da comunidade.

Nas narrativas dos moradores nota-se que há um imaginário em torno da Serra, os quais a consideram como um local sagrado. Não se pode desmatar, nem destruir os artefatos que nela se encontram, pois lá existem vários seres que a protegem, no caso o Juma, um ser mitológico que ao longo do processo histórico de ocupação tem permeado o imaginário local.

Aqui na Serra, aparece fogo, aparece até o Juma, o pé grande...(risos) desde criança que meus avós já contavam que não se deve abusar dos espíritos da floresta. E a gente foi contando para os nossos filhos e netos, mas hoje já tem uns que não querem mais escutar e acontece coisas ruins com eles...Ai a natureza responde do jeito dela, né dona. Mas é verdade, que tem os bichos que protegem a gente aqui ..(MORADOR DE SÃO PAULO, 68 ANOS, ENTREVISTA REALIZADA EM ABRIL DE 2016)

A narrativa do morador expressa seu imaginário, sua relação com o ambiente e como a questão mítica ainda permanece intrínseca a seu modo de vida. “Todo

imaginário é um desafio, uma narrativa inacabada, um processo, uma teia, uma construção coletiva (...) É um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes.(SILVA, 2003, p.2)”

Por sua vez Maffesoli (2001, p.3) compreende o imaginário como um “estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social...”

Tais concepções de imaginário são perceptíveis na narrativa do morador da Serra de Parintins. Para ele o Juma é um espírito que protege a natureza e isso vai sendo passando de geração a geração e está ligado a um grupo no qual eles se reconhecem. Apesar da fala ser contada de maneira diferente, o que permanece é a concepção de que há um imaginário construído de maneira coletiva sobre os seres ou espíritos da floresta dessa localidade.

Outras práticas cotidianas dos moradores da comunidade tradicional de São Paulo/AM e que também está presente em seu imaginário é o curandeirismo, mítica cosmológica e medicina tradicional, o que lhes confere identidade local. Silva *et al.* (2009) afirma que no local, além de cerâmicas com decoração em motivos antropomorfos e zoomorfos, também se encontram patrimônios culturais que precisam ser considerados como materialidades representativas de crenças espirituais.

A esse respeito Maués e Villacorta (2011, p. 26) afirmam que é comum na região amazônica a prática do curandeirismo

a pajelança não indígena continua muito viva no interior da Amazônia, como parte integrante das concepções religiosas das populações regionais, integradas ao catolicismo e passando por transformações, como processo social e dinâmico que tem influência na vida regional e presente em seu imaginário.

Nesse contexto, o estudo da memória, imaginário e história de vida dos moradores do sítio arqueológico se apresenta como um elemento sólido para o ensinamento da história local e do cotidiano, as quais podem vir a ser transmitida de geração a geração, como por exemplo a prática de produção artesanal e réplicas dos artefatos encontrados no respectivo sítio.

2- Sítios arqueológicos da Serra de Parintins

2.1 Sítio Santa Rita/Valéria- AM-PT-01

O sítio arqueológico Santa Rita da Valéria, foi estudado e registrado por Hilbert e Hilbert, 1975; Simões e Araújo (1978), como AM-PT-01 durante a realização de pesquisas no Baixo Amazonas,

... “AM – AT (Parintins) – Área na parte leste do estado, compreendida entre a divisa com o Estado do Pará e uma linha que, saindo desta ao sul, segue com rumo oeste separando as bacias dos rios Parauari/Tapajós, a seguir, no rumo nordeste, as bacias dos rios Parauari/Abacaxis e Maués Açú/Apoquitaua, até alcançar a margem direita do Paraná do Ramos, em frente à ilha de Tupinambaranas (exclusive) (SIMÕES E ARAÚJO, 1978, p. 26).

Mas os sítios da região da Valéria já se faziam presente nas descrições Curt Nimuendajú (1927, p.4) durante realização de sua excursão pela Amazônia “...Os antigos sítios do lago Curumucuri ainda revelavam a nítida influência da cerâmica de Tapajós, enquanto os da Serra de Parintins evidenciavam em contrapartida o estilo Konduri, conhecido da margem setentrional...”

De um modo mais específico (HILBERT e HILBERT, 1975), descrevem o sítio Santa Rita da Valéria como um sítio de terra preta de índio, resultante da alta densidade de material orgânico e outros elementos no lugar, que a torna bastante fértil, propícia para a produção agrícola, que é resultado da ação de grupos humanos que habitaram essa localidade amazônica.

Nele foram encontrados os artefatos de cerâmica pertencentes a três tradições: i) tradição Incisa e Ponteados, conhecida como *Konduri*; ii) a tradição Borda Incisa da qual a fase Paredão faz parte (Séc.VII e XI d.C.); iii) Fase Açutuba (Iranduba) que se assemelham as cerâmicas antigas dos sítios Pocó e Boa Vista, dos rios Trombetas e Nhamundá, no Baixo Amazonas (HILBERT e HILBERT, 1980; LIMA et al, 2013).

Na arqueologia *konduri*, há a forte presença de cerâmicas construídas com motivos antropomorfos(motivos humanos) e zoomorfos (motivos animais). “Um aspecto interessante da arqueologia *konduri* é a presença de pequenas estatuetas de pedra polida, que representam seres humanos e animais, com destaque onças e as sucuris” (NEVES, 2006, p. 69).



Figuras 2, 3 e 4. Artefatos arqueológicos Santa Rita da Valéria. Fonte: Pesquisa de campo janeiro 2017

Como pode ser percebido nas imagens a cima, no sítio AM-PT-01, os moradores convivem diariamente com diversos artefatos que encontram-se por toda a extensão territorial da Valéria. Alguns moradores tem coleções de cerâmicas retiradas do sítio e que ficam guardadas em suas casa. Outros artefatos encontrados encontram-se guardados na Escola Municipal Marcelino Henrique, fato que ocorreu após a presença da equipe da arqueóloga Helena Lima, em uma ação conjunta desenvolvida através do Projeto Amazônia Central e o Projeto Baixo Amazonas, os quais realizaram diversas oficinas e atividades de educação patrimonial.

Aqui em casa eu tenho várias “caretinhas” que eu encontrei aqui no terreiro de casa. Eu desde criança sempre gostei de pegar esses pedaços de vasilhas e caretinhas, porque para mim eram meus brinquedos. Nunca pensei que morava num sítio arqueológico tão importante. Fiquei sabendo quando as pessoas que vieram aqui pra fazer pesquisa, cavaram e foram mostrando pra nós que aqui onde a gente mora é um lugar de muito valor, por ser um sítio arqueológico. E até aquele momento, para mim e pra muitos dos meus amigos, compadres, eram só a nossa comunidade que a gente muito orgulho. (MORADOR DO SÍTIO, PAULO SOBRADO, 37 ANOS, PESQUISA DE CAMPO, ABRIL, 2016)

Sobre os artefatos encontrados, Lima e Moraes (2010, p. 5) dizem que “[...] as interpretações dadas pelas comunidades que convivem com os vestígios arqueológicos advém de situações, experiências e informações adquiridas”. As percepções que cada pessoa tem dos artefatos e mesmo do ambiente são inerentes a cada uma e ao modo como foi sendo ensinado. Por isso que, se não houver conhecimento da importância do patrimônio arqueológico, muito da história será perdido e conseqüentemente a compreensão do passado não será consolidada nos locais assentados sobre os sítios.

O sítio Santa Rita, evidencia que os povos pretéritos que ali habitavam eram numerosos, tinham um processo sociocultural dinâmico e complexo, e precisam ser conhecidos para fortalecer o sentimento de pertencimento por parte de quem reside atualmente no lugar. Neves (2006, p. 78) afirma que o desafio é “[...] conhecer a Amazônia a partir de seus próprios parâmetros culturais e ecológicos, para que esse

patrimônio não se perca para sempre”. E ainda. Embora sítios estejam em constante alteração, tendo em vista o aumento de ocupações na comunidade, com as edificações construídas, por exemplo, o número de habitantes subindo, não tende a ser um problema, pois se entende que a sociedade é dinâmica. Entretanto, faz-se importante o conhecimento da história local, no sentido de conhecer a sociodiversidade cultural não só do passado, mas a que se faz presente na contemporaneidade.

2.2 Sítio arqueológico São Paulo/Valéria- AM-PT-02

Assim como o sítio Santa Rita, o sítio arqueológico São Paulo da Valéria/AM, foi pesquisado e identificado como AM-PT-02 através da pesquisa de Hilbert e Hilbert (1975), faz parte da tipologia de sítios denominada de terra preta de índio. Apesar de ser menor em extensão territorial em relação ao sítio de Santa Rita tem igual importância e significado para os moradores que nele habitam atualmente.

[...] para a gente daqui da Valéria essas vasilhas, vasos, baldes, cacos ou como a gente chama aqui de caretinhas, tem um valor meio que de nosso passado. Representa que aqui alguns índios que viveram aqui antes de nós. Não sei bem quem, mas minha avó contava que quem morava antigamente na Valéria, eram povos guerreiros, pode ser que seja os da tribo de índios Parintitin, parece. Essas caretinhas, alguns pedaços de vasos, panelas de barro a gente junta quando tamo fazendo o roçado lá mais em cima na terra preta, e guardamos em nossa casa. Tem muito dessas coisas lá minha roça (ENTREVISTA COM MORADORA DA SERRA, DEZEMBRO DE 2017).

Note que o entrevistado afirma a relevância do socioambiente para a sua vida, história, identidade e memória social local. Por estarem sempre em contato com artefatos ou caretinhas, como eles denominam, conhecimentos oriundos do saber tradicional foram sendo disseminados ao longo da história local e ficaram inseridos nas representações sociais das pessoas sobre seu patrimônio. Funari (2003, p. 33) afirma que “o artefato, por outro lado, não é apenas um indicador das relações sociais, mas, enquanto parte da cultura material, atua como direcionador e mediador das atividades humanas”.



Figura 5. Artefatos arqueológicos São Paulo da Valéria. Fonte: Pesquisa de campo, janeiro/2016

No sítio AM-PT-02, foram identificados as cerâmicas pertencentes as três tradições: Tradição Incisa e Ponteadada, prevalência da fase Kondurí e fragmentos da fase Pocó; Tradição Borda Incisa, representada pela fase Paredão; Tradição Açutuba (HILBERT e HILBERT, 1975; LIMA et al., 2013).

A historiografia da Amazônia ressalta que diferentes etnias indígenas construíram seus aldeamentos às margens dos rios, mantendo diferentes interações com o ambiente, fato este que pode ser confirmado pela grande quantidade de sítios arqueológicos presentes na região. Tais sítios com terra preta podem ser vistos indicadores de mudança nas relações sociais e econômicas das sociedades que ocuparam a localidade amazônica. (NEVES, 2006). E, por todo o lugar do Sítio Arqueológico São Paulo/Valéria/AM, encontram-se diversas vasilhas e fragmentos cerâmicos – vasos, machado de pedra em pequena quantidade e muiraquitãs – os quais estão associados à arqueologia *konduri*.

Porém, a falta de documentos históricos sobre a ocupação da área da Valéria dificulta estipular com precisão quais foram os grupos indígenas que ocuparam a região em períodos diversos. Na literatura sobre a região da Valéria, não há confirmação eficiente sobre povos que legaram os vestígios, o que contribui para hipóteses relacionadas à presença de índios Aratu, Apoicuitara, Godui, Yara e Curiató – que posteriormente foram subjugados pelos Tupinambás (CERQUA, 2009, SILVA *et al.*, 2009).

Sabe-se até o momento que artefatos arqueológicos afloram por toda a área da Valéria, indicando que foi ocupada por um grande número de habitantes e que faz parte de sua cultura local. Isso sugere que a cada momento da ocupação territorial as pessoas tendem a apresentar determinada relação com o ambiente em função de seu modo de vida e seus aspectos socioculturais.

Para o morador Otávio Costa, “aqui nessas terras devem ter morado muitos índios porque o que a gente acha aqui é muita coisa, muito dessas vasilhas que os antigos moradores faziam [se acha]. Agora, quem eram eles? Ainda não sei ao certo, mas deixaram seu legado pra gente, principalmente na arte” (ARTESÃO, MORADOR DE SÃO PAULO, ENTREVISTA, REALIZADA EM ABRIL 2016). O conteúdo expresso na fala do artesão sobre o legado, que no caso é a produção artesanal, indica que há uma relação de pertencimento com o sítio, apesar da lacuna sobre os primeiros habitantes da região. Isso leva a crer que estes elementos são formadores de uma identidade coletiva e socioterritorial da comunidade, sendo a partir dela que as relações

vão se estabelecendo nesse espaço e os indivíduos vão atribuindo significados às coisas (HAESBAERT e LIMONAD, 2007). Outrossim, há que se destacar que até o ano de 2012 as peças de cerâmicas pertencentes ao sítio e que foram retiradas do solo ficavam salvas em um “minimuseu” – uma casa de palafita construída por moradores locais, tendo como responsável o presidente da comunidade.

Atualmente, devido não haver local para abrigar os professores que vêm ministrar aulas na localidade, o minimuseu, foi desativado, vindo a ser a casa dos professores. As peças que nele se encontravam foram conduzidas para a Escola Municipal São Francisco.

Alguns artefatos de cerâmica ficam expostos em uma mesa da sala de aula; outras estão ensacoladas e só são expostas quando há visita na comunidade. Embora a atitude dos moradores tenha sido pouco correta – de trocar o espaço de armazenamento dos artefatos arqueológicos – ela se deu para atender a uma situação emergencial. Eles não se desfizeram dos artefatos, procuraram guardar seu patrimônio, o que indica, para Horta *et al.* (1999) e Neves (2013), que a comunidade está atuando como protagonista da história local, vindo a ser a guardiã de seu patrimônio cultural.

3- Imaginário e Artesanato na Serra de Parintins, região de Valéria.

“Nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha” (Bachelard)

No campo dos estudos da cultura material, as peças artesanais, sua forma, pintura, o material de que são feitas e por quem são realizadas, sendo objetos com representações físicas que carregam em si o imaginário, significados sociais e simbólicos.

Refletir sobre o imaginário e artesanato requer entender as peças artesanais como um processo e não um resultado, localizadas historicamente e inseridas em relações sociais nas quais são significadas pelo homem e capazes de elucidar seu contexto humano e social através de seu movimento.

Para Canclini (1983, p. 51) “o artesanato requer muito mais do que descrições do desenho e das técnicas de produção; seu sentido só é atingido se o situarmos em relação com os textos que o predizem e o promovem ...” Em cada produto artesanal há a expressão da subjetividade e imaginário dos artesãos.

Na Serra de Parintins, o artesanato é uma atividade que tanto homens quanto mulheres trabalham, orientados por critérios correspondente a divisão sexual do trabalho. Kergoat (2003, p.55) pondera que: “[...] a forma de divisão do trabalho social é decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade...” O modo pelo qual se define as divisões sexuais do trabalho na Valéria não fogem a essa compreensão, pois a prática de trabalho das pessoas que ali residem não foram definidos pelo biológico, mas historicamente construído acompanhando a dinâmica de cada tempo.

No processo de produção das vasilhas de barro, além da divisão sexual - da qual só as mulheres participam-, há o simbolismo acerca do local, a hora e quem deve está presente na momento da produção, existe todo um cuidado para que as louças não quebrem ou possam ser bem cozidas. Para Levi-Strauss (1985) a produção artesanal das vasilhas de cerâmica feita de argila está imbuída de simbolismo e somente a mulher confecciona devido a relação que ela tem com a terra, pois ambas podem gerar a vida.

A esse respeito Torres (2012) pondera que na relação de afetividade entre as mulheres e a argila aparece o simbólico entrelaçado com as relações de gênero. Tanto a terra (argila) quanto a mulher (feminina), são geradoras de vida e responsáveis em parte pelo equilíbrio do planeta (TORRES, 2012).

As mulheres na Valéria fazem diversificados artesanatos, além das louças de barro. Elas aproveitam as sementes de plantas diversas, as palhas, cipó, etc para fazerem colar, pulseira, brincos e até mesmo adereços para ornamentar a casa, a igreja e até as catatumbas de seus entes queridos. Fazem também os materiais para uso no trabalho da mandioca, tece o tipiti, peneira, pano, reaproveitam diversos materiais que seriam descartados ao lixo. Sabem da importância de cuidar do meio ambiente para a geração futura. Dizem que “as mãos pensam!”.

Nota-se que a cada artesanato produzido está implícito a subjetividade e o imaginário desses artesãos, os quais vão dando vida a sua criação. “ O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável ” (MAFFESOLI, 2001, p. 2).

Em relação ao trabalho artesanal com entalho em madeira são os homens a maioria que executam essa atividade, mas as mulheres também participam na fase do acabamento. Na entrevista realizada com as artesãs tornou-se possível identificar em

suas narrativas diversas versões sobre como seu ofício foi sendo construído.

Para dona Chiquinha, a prática de fazer louças de cerâmica foi ensinada por uma das mulheres que deu origem ao nome do lugar, a senhora Valéria, e foi perpassando gerações. Seria a aura dessa mulher Valéria que os envolve a serem exímios artesãos?

Fala-se aura a partir de Benjamin (1994) o qual a problematizou a partir do estudo da experiência aurática, definindo-a como uma categoria de percepção sensorial. A primeira concepção de aura consiste em compreendê-la como uma aparição única de uma coisa ainda que esteja perto de nós. A qual está relacionada a tempo e espaço que se apresenta.

Ainda sobre as narrativas de dona Chiquinha, outros tipos de artesanatos eram os mais velhos tanto homens quanto mulheres que ensinaram a identificar e selecionar o material a ser utilizado para fazer o tipiti, tupé, peneira, panela, abanador, japá, cestos, o artesanato em madeira etc.

Minha mãe aprendeu com a minha avó a escolher o melhor barro para fazer as vasilhas, a coletar o arumã, o cipó de morta, ou outros tipos de cipó que tem aqui nas matas, nos igapós perto da Valéria para fazer os artesanatos. No início era só para nossa casa, depois, fomos fazendo para outras famílias que encomendavam em troca de serviços no roçado, nos puxiruns, ou até mesmo faziam o pagamento com o produto da roça, como farinha, beiju, a tapioca...”(Dona Chiquinha, 88 anos entrevista/ 2017).

O trabalho com o artesanato expressado na fala da artesã, estava voltado inicialmente para a subsistência da família, mas com o passar tempo seus artesanatos foram ganhando outra dimensão passando a ser utilizado como um produto de troca de serviços realizado através de uma prática comum na zona rural do interior do Estado do Amazonas, que é o puxirum surgindo desse modo uma comercialização dos produtos realizados em sua maioria por mulheres. Esse comércio não estava atrelado somente ao capital, mas ao aspecto da solidariedade, como relatou dona Chiquinha.

A maior parte dos trabalhos é realizada nos barracões de atividades agrícolas ou nas casas, sendo uma atividade centrada no seio familiar, embora haja alguns artesanatos construídos pelo grupo de artesãos pertencentes a Associação, que sua produção ocorre no centro social com a participação tanto de homens quanto de mulheres artesãs que na maioria são parentes. Note que o masculino, está presente, mas são as mulheres as protagonistas das ações desenvolvidas na esfera pública.

Considerações Finais

Consideramos nessa reflexão que o artesanato tem valor simbólico, expressa o imaginário do artista e caracteriza a cultura e identidade local. A preocupação com a qualidade e acabamento das peças produzidas pelos artesãos da Serra de Parintins, seja em madeira, cipó ou barro (argila) representa o cuidado que eles têm ao apresentar seu material que representa sua identidade étnica.

A relação dos artesanatos com o lugar de sua produção remete a compreensão de que vão sendo construídos valores simbólicos de maneira coletiva, os quais perpassam gerações, sendo comunicados a partir de um processo de trânsito intercultural.

“*As mãos pensam*”, reflete a sensibilidade do artista, seus sonhos, seus devaneios, o direito de sonhar como diz Bachelard (1991). Os artesãos que produzem suas obras ou mesmo os que se dedicam a fazer as réplicas dos artefatos encontrados nos sítios arqueológicos de Valéria, imprimem em cada uma delas a sua subjetividade, seu imaginário e até mesmo suas utopias.

Os dados preliminares apontam que as mulheres e homens tem o ofício de artesãos, mas, seguem uma divisão social e sexual do trabalho. Pode-se inferir ainda com base nesses dados que o trabalho artesanal vem aproximando e empoderando as mulheres da Serra de Parintins, região de Valéria/Amazonas a serem construtoras de sua história.

Nessa reflexão nos esforçamos em apresentar e problematizar algumas lacunas identificadas na pesquisa em andamento, as quais suscitaram outras inquietações, como diz Batista (2007) é preciso decifrar os enigmas que engendram as relações sociais na Amazônia.

Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Territórios e Territorialidades específicas na Amazônia: entre a proteção e o protecionismo. Caderno CRH, Salvador, v. 25, n. 64, p. 63-71, Jan/Abr, 2012.

BACHELAR, Gaston. O direito de sonhar. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 1991.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANCLINI, Nestor García. As culturas populares no capitalismo. São Paulo, São Paulo, Brasil: Brasiliense, 1983.

CERQUA, Dom Arcângelo. Clarões de fé no Médio Amazonas. 2. ed. Manaus: Prograf, 2009.

GALVÃO, Eduardo. Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas, 2. Ed. São Paulo: Editora Nacional, Brasília, 1976.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempo de globalização. Revista eletrônica de Ciências Sociais aplicadas e outras coisas. 15 de agosto de 2007, nº 2, vol 4, ISSN 1981-3732.

HILBERT, Peter; HILBERT, Klauss. Resultados preliminares de pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, Baixo Amazonas.(1975) Traduzido por SIMÕES, Mário. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi 1980.

KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, Marli; et al (Orgs.). Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p.55-63.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A oleira ciumenta. Traduzido por José Antonio Braga Fernandes Dias. Lisboa: Edições 70, 1985.

LIMA, Helena Pinto; MORAES, Bruno Marcos; PARENTE, Maria Tereza Vieira. Tráfico de material arqueológico, turismo e comunidades ribeirinhas: experiências de uma arqueologia participativa em Parintins, Amazonas. Revista de Arqueologia Pública. Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP, 2013.

MAFFESOLI, Michel. “O imaginário é uma realidade” (entrevista a Juremir Machado da Silva), in Revista Famecos, mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, Edipucrs, 2001 nº 15, p. 75.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, N. 15, agosto 2001. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395>. Acesso em 29/05/2018.

MORAIS, Isabela Andrade de Lima. Refletindo sobre a turistificação do patrimônio e dos espaços museais. IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo 30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo, 2012.

NEVES, Eduardo Góes. Arqueologia da Amazônia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
PERROT, Michelle. Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PESSANHA, José Américo Motta. Bachelard: As Asas da Imaginação. IN. Bachelard, Gaston. O Direito de Sonhar. Trad. José Américo Morra Pessanha (et all). Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1991.

RAGO, Margareth. As Mulheres na Historiografia Brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). Cultura Histórica em Debate. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.

SILVA, Juremir Machado da. Tecnologias do imaginário: esboços para um conceito. Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação- CAMPOS, 2003.

TORRES, Iraildes Caldas. Constituição etnográfica da comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Barro Alto. In: TORRES, Iraildes Caldas. (Org.). O Ethos das mulheres da floresta. Manaus: Editora Valer/ FAPEAM, 2012.